

# SÓ TE OLHO



CLEBER LAMARTINE

# 1

## A Missão Improvável

Era mais uma manhã abafada em Belém. O detetive Bernardo Lisboa, com seu inseparável chapéu de palha já um pouco gasto e uma expressão de cansaço que parecia ser sua marca registrada, encarava o teto mofado de seu escritório. O ventilador de mesa girava preguiçosamente, espalhando o cheiro de café requentado e frustração.

As contas se acumulavam sobre a mesa: luz, aluguel e até a fatura de um fiado na venda do Seu Joaquim. Bernardo estava oficialmente quebrado.

— Parece que só me resta abrir uma barraca de tacacá, e olha que nem sei fazer o caldo! — murmurou para si mesmo, enquanto folheava um jornal antigo, esperando um milagre.

Foi então que o telefone tocou, surpreendendo-o. Bernardo pegou o aparelho, que chiava tanto quanto uma chuva forte, e atendeu com a voz rouca:

— Escritório Lisboa, investigações particulares. Em que posso ajudá-lo?

Do outro lado da linha, uma voz grave e ansiosa respondeu:

— Detetive Lisboa? Aqui é Chef Osmar Beltrão, do restaurante Estrela da Amazônia. Preciso de sua ajuda... com urgência.

Bernardo franziu a testa, intrigado.

— Um chef renomado como o senhor? Está me chamando para descobrir quem roubou sua receita secreta?

— Não é receita, detetive. É algo mais sério. O pato branco que seria o prato principal do almoço especial do Círio desapareceu!

Bernardo ficou em silêncio por um momento, processando a informação.

Bernardo ficou em silêncio por um momento, processando a informação.

— Espere, você está me dizendo que quer que eu encontre... um pato?

— Não é qualquer pato! — Osmar interrompeu, indignado. — É o pato que seria a estrela do nosso almoço beneficente. Estamos falando de um evento que terá presença da imprensa, políticos e até artistas locais. Eu preciso dele, e rápido!

O detetive suspirou. Não era o tipo de caso que ele esperava para revitalizar sua carreira, mas as palavras "almoço beneficente" soaram como um convite que poderia aliviar sua fome — literal e figurativamente.

— Vamos combinar o seguinte, chef. Eu aceito o caso, mas quero detalhes e... digamos... uma garantia de que serei bem alimentado nesse almoço.

O chef riu, embora sua voz ainda carregasse tensão.

— Fechado! Venha ao restaurante, e eu explico tudo pessoalmente. Ah, e prometo que guardarei um prato especial para você.

Bernardo chegou ao Estrela da Amazônia, um restaurante luxuoso à beira do rio, onde o aroma de ervas frescas e especiarias inundava o ambiente. Lá estava Chef Osmar, um homem corpulento com um bigode impecável e um avental branco que exibia manchas de preparo recente. Ele apertou a mão do detetive com força.

— Detetive Lisboa, obrigado por vir tão rápido. Espero que entenda a gravidade da situação.

— Claro, chef. Não é todo dia que um pato some no meio de tanta gente — respondeu Bernardo, tentando disfarçar o quanto estava impressionado com o lugar.

— Ele desapareceu ontem à noite. Estava em um cercado nos fundos do restaurante, e pela manhã... puff! Sumiu! — Osmar gesticulou dramaticamente.



Bernardo olhou ao redor, analisando o ambiente.

— Alguma testemunha? Alguém viu algo suspeito?

— Apenas os garçons e os ajudantes da cozinha, mas todos juram que não sabem de nada. O pato é especial, sabe? Veio de uma fazenda famosa, criado com a dieta certa para o prato perfeito. Se não o encontrarmos, será um desastre!

— Parece sério. — Bernardo fez uma pausa, ponderando. — Mas me diga, esse almoço... Vai ter maniçoba também?

O chef soltou uma risada nervosa.

— Claro! Maniçoba, arroz paraense, vatapá e o pato no tucupi, que seria o grande destaque. Só preciso do pato, detetive. Se não encontrá-lo, vou ter que colocar peixe na mesa, e... bem, você sabe como as pessoas são tradicionais.

Bernardo tirou um bloco de notas do bolso.

— Tudo bem, chef. Eu aceito o caso. Mas aviso logo: investigar aves não é meu forte.

— Desde que você encontre o pato antes do Círio, já me dou por satisfeito.

Bernardo não disse mais nada, mas por dentro já lamentava. Resolveria o caso, claro, mas sabia que seu pagamento inicial seria apenas promessas — e, talvez, uma boa refeição no fim.

## 2

# As Pegadas na Lama

O quintal do Estrela da Amazônia parecia calmo demais, contrastando com o alvoroço dentro do restaurante. Bernardo Lisboa caminhava pelo terreno, observando cada detalhe com olhos treinados. O cercado onde o pato havia desaparecido era pequeno, mas bem construído. A tela estava intacta, e a tranca permanecia no lugar.

— Você tem certeza de que ninguém mexeu aqui? — perguntou Bernardo, abaixando-se para inspecionar o chão.

Chef Osmar, que o seguia de perto, respondeu ansioso:

— Absoluta, detetive. É um mistério total.

Bernardo franziu a testa. Ele notou pequenas penas brancas espalhadas no chão e marcas sutis na terra úmida, como se algo tivesse arrastado o pato.

— Essas marcas levam para o portãozinho lateral — disse ele, apontando.

Os dois seguiram a trilha de pegadas até um portão baixo, que dava para um beco estreito. Bernardo o abriu com cuidado, revelando uma viela coberta de pedras mal alinhadas e mato crescendo nas rachaduras. As pegadas do pato continuavam, agora mais nítidas na terra úmida do beco.

— Parece que o pato resolveu dar uma voltinha — comentou Bernardo, ajustando o chapéu enquanto seguia a trilha.

O caminho os levou a uma casa abandonada, meio escondida por arbustos crescidos e parcialmente coberta por trepadeiras. A estrutura estava visivelmente deteriorada: o telhado tinha buracos, as janelas estavam sem vidros e a porta da frente pendia de uma dobradiça enferrujada.

— Aqui? — perguntou Osmar, franzindo a testa. — O que um pato faria em um lugar desses?

— Essa é a pergunta do dia, chef — respondeu Bernardo, cruzando o portãozinho enferrujado da entrada.

Eles entraram com cuidado. O interior da casa era sombrio, iluminado apenas pela luz que entrava pelos vãos onde antes ficavam as janelas. O cheiro de madeira úmida e poeira pairava no ar. Havia velhos móveis quebrados espalhados, pedaços de papelão pelo chão e, num canto mais afastado, latas de tinta viradas. Algumas delas ainda com manchas escorrendo pelas laterais.

— Nada de mais aqui... só abandono — comentou Osmar, olhando ao redor com desdém.

Bernardo, distraído com as pegadas que pareciam terminar ali mesmo, não deu mais atenção às latas. Ele examinou o chão próximo à entrada.

— Estranho... As pegadas param bem aqui. — Ele se abaixou, tocando a terra seca perto da porta. — Não há sinal de que o pato tenha saído por outro lugar.

— E o que isso quer dizer? Que ele entrou na casa e desapareceu? — perguntou Osmar, tentando não soar desesperado.

Bernardo olhou ao redor, pensativo. A casa abandonada dava uma visão parcial do Mercado Ver-o-Peso através dos vãos das janelas. Do lado de fora, a vida seguia seu curso habitual: vendedores gritando preços, crianças correndo, barcos descarregando mercadorias no rio.

— Pode ser. Ou ele foi levado daqui para algum lugar.

O chef deu de ombros, mais preocupado com o desaparecimento do que com os detalhes.

— Talvez devêssemos verificar o mercado. Alguém pode ter visto algo.

Bernardo concordou com um aceno, mas ainda estava intrigado. Ele registrou mentalmente a casa e a estranha ausência de pegadas para além dali. Enquanto saíam, ele olhou de relance para as latas de tinta, mas não fez conexão alguma entre elas e o caso.

Do lado de fora, o caminho até o mercado foi curto. O movimento intenso e os cheiros característicos do Ver-o-Peso os envolviam. Bernardo começou a conversar com vendedores, descrevendo o pato, mas as respostas eram vagas.

— O que mais tem por aqui á nesses tempos é pato.— respondeu um feirante.

— Se sumiu, já virou bóia de alguém, parente. — zombou outro.

Após quase uma hora de perguntas infrutíferas, Bernardo parou próximo à margem do rio. Ele observava as embarcações que balançavam nas águas tranquilas e notou uma coisa curiosa: um urubu solitário, pousado em um poste, parecia observá-los.

— Esses urubus estão em todo lugar — murmurou Osmar, irritado.

Bernardo respondeu distraidamente, os olhos fixos no pássaro.

— Talvez mais do que você imagina.

As pegadas do pato levavam até a casa abandonada e terminavam ali, mas a sensação de que havia algo mais a ser descoberto incomodava o detetive. Algo não fazia sentido, mas ele sabia que precisaria de tempo para juntar as peças.

### 3

## Testemunhas Duvidosas

A manhã já dava lugar a um sol inclemente enquanto Bernardo Lisboa e Chef Osmar caminhavam de volta para o restaurante. O detetive não tirava da cabeça a casa abandonada, o fim abrupto das pegadas e as latas de tinta preta. Era um quebra-cabeça incompleto.

— Temos um problema, chef. Não faz sentido o pato desaparecer ali sem deixar mais rastros. Alguém deve ter visto alguma coisa.

Osmar, ainda visivelmente nervoso, suspirou.

— No mercado ninguém sabe de nada. Ou estão escondendo. Não podemos desistir agora, detetive.

Bernardo parou no meio do caminho e olhou fixamente para Osmar.

— E não vamos. Mas agora é hora de falar com quem estava no restaurante na noite do desaparecimento. Garçons, cozinheiros, faxineiros... alguém pode ter visto algo que passou despercebido.

De volta ao Estrela da Amazônia, Osmar reuniu a equipe na cozinha. Bernardo observou o grupo: eram cinco funcionários, cada um com uma expressão diferente. Havia o jovem auxiliar de cozinha, João, que parecia mais preocupado com a panela de tucupi fervendo do que com a reunião. A garçonete Ana cruzava os braços, desconfiada. Seu Joaquim, o faxineiro veterano, tinha um ar distraído, enquanto os dois outros garçons trocavam olhares nervosos.

Bernardo coçou o queixo, aproximando-se lentamente.

— Vamos lá, pessoal. Não estou aqui para acusar ninguém, só quero saber se alguém viu ou ouviu algo estranho na noite passada.

João foi o primeiro a falar, sem tirar os olhos da panela.

— Eu estava na cozinha o tempo todo, detetive. Se ouvi algo, foi só o barulho das facas e do liquidificador.

Ana bufou, balançando a cabeça.



— Barulho estranho? Aqui, tudo é estranho. Mas, agora que você falou... achei que ouvi algo vindo do quintal.

— O que você ouviu? — perguntou Bernardo, interessado.

— Não sei dizer ao certo. Talvez fosse o pato. Um barulho de asa batendo ou algo assim. Mas pensei que era coisa da minha cabeça e continuei atendendo as mesas.

Bernardo assentiu, registrando mentalmente.

— Mais alguém?

Seu Joaquim, o faxineiro, ergueu a mão com hesitação.

— Não sei se é relevante, mas quando fui pegar o lixo nos fundos, vi um vulto escuro passar voando. Achei que fosse um urubu. Eles sempre aparecem por aqui, procurando comida.

O detetive estreitou os olhos.

— Um urubu? No meio da noite?

— Acredite se quiser, mas esses bichos têm fome a qualquer hora — respondeu Joaquim, dando de ombros.

Osmar, que ouvia a conversa com uma expressão cada vez mais exasperada, interrompeu:

— Então ninguém viu alguém mexendo no cercado? Nenhuma pessoa?

Os garçons trocaram olhares novamente, até que um deles, Carlos, finalmente falou.

— Eu ouvi o cachorro da vizinhança latindo sem parar por volta da meia-noite. Mas não me atrevi a sair. Era tarde, e o quintal é meio escuro.

— Cachorro latindo, barulho de asas, vultos voadores... e ninguém achou nada disso estranho? — Bernardo lançou um olhar crítico para o grupo.

Ana respondeu, defensiva:

— Estranho, sim, mas não o suficiente pra largar o trabalho e investigar.

Bernardo coçou a cabeça. Não estava exatamente satisfeito com as respostas, mas pelo menos tinha algo para seguir. Ele olhou para Osmar.

— Quero falar com os vizinhos e dar outra olhada naquela casa abandonada.

O chef hesitou.

— Você acha que ainda vamos encontrar algo lá?

— Intuição, chef. Às vezes, o que parece irrelevante acaba sendo o detalhe mais importante.

Bernardo voltou à casa abandonada naquela tarde, sozinho dessa vez. A luz do dia iluminava melhor o interior, mas o cenário era o mesmo: móveis quebrados, chão sujo e as latas de tinta preta empilhadas no canto. Ele se aproximou das latas, desconfiado.

— Como foi que eu não percebi isso antes? — murmurou, enquanto passava o dedo em uma mancha de tinta seca no chão.

Havia marcas de patas, pequenas e desajeitadas, atravessando a poça de tinta seca e espalhando manchas pelo chão da casa. Bernardo seguiu as manchas com cuidado. Elas iam até um canto onde a luz mal alcançava, mas não levavam a lugar algum.

Ele se agachou, pensativo.

— Então, o pato entrou aqui, se sujou... mas não saiu andando. Foi carregado? Voou?

Foi interrompido por um barulho repentino no telhado. Olhou para cima, mas só conseguiu vislumbrar um vulto escuro antes que desaparecesse. Por reflexo, saiu da casa, mas não viu nada. Apenas o mesmo urubu, pousado no galho de uma árvore próxima, encarando-o com o mesmo olhar curioso de antes.

Bernardo respirou fundo e ajustou o chapéu.

— É, meu amigo... Esse caso está ficando cada vez mais esquisito.

## 4

# Pistas Entre Sombras

A tarde caía em Belém, e Bernardo Lisboa sentia que estava mais perdido do que o próprio pato. A casa abandonada, as pegadas que terminavam abruptamente e aquele urubu estranho que parecia sempre observá-lo... Tudo apontava para algo fora do comum. Ele decidiu que precisava organizar os pensamentos e traçar um plano. De volta ao Estrela da Amazônia, Bernardo sentou-se no salão vazio. O chef Osmar trouxe um prato de maniçoba, como forma de incentivar o detetive.

— Você parece cansado, meu amigo. Coma alguma coisa antes de continuar.

Bernardo pegou o garfo, mas parecia alheio à comida.

— Osmar, há algo que não bate. Por que o pato entraria naquela casa? E por que ninguém mais viu nada de concreto?

Osmar sentou-se à frente dele, visivelmente preocupado.

— Talvez alguém o tenha levado para lá. Ou ele tenha fugido e se escondido.

Bernardo deu um sorriso irônico.

— Um pato tão esperto assim, chef? Pode ser, mas ainda falta uma peça nesse quebra-cabeça.

Ele terminou de comer rapidamente e voltou à casa abandonada, dessa vez munido de uma lanterna e uma corda, caso precisasse explorar melhor o lugar. A noite já tomava conta da cidade, e os ruídos de Belém — grilos, risos ao longe, o murmúrio do rio — criavam uma atmosfera inquietante.

Dentro da casa, Bernardo iluminava cada canto com a lanterna, agora com mais atenção. As latas de tinta chamaram sua atenção novamente. Ele observou as marcas de patas que passavam pela tinta preta e desapareciam. Dessa vez, notou algo que não havia visto antes: manchas escuras no batente de uma janela quebrada.

Aproximou-se e viu que eram marcas de tinta.

— Ele pulou pela janela? — murmurou.

Bernardo saiu pela lateral da casa para inspecionar o lado externo. Encontrou mais marcas esparsas no chão, mas algo chamou ainda mais sua atenção. Do outro lado da rua estreita, havia um galpão pequeno e mal iluminado, aparentemente fechado.

— Intuição, Bernardo, sempre ela — disse para si mesmo, atravessando a rua.

O portão do galpão estava trancado, mas com uma rápida escalada na lateral, Bernardo conseguiu espiar por uma janela alta. Lá dentro, avistou algo peculiar: havia várias caixas empilhadas e, no centro, uma gaiola grande, vazia. Próximo à gaiola, uma mesa com restos de comida — restos que incluíam penas brancas.

— Bingo.

Bernardo voltou ao restaurante para relatar o que encontrou a Osmar. O chef ouviu com os olhos arregalados.

— Você acha que alguém roubou o pato e o levou para aquele galpão?

— Parece que sim. Mas ainda não sei quem ou por quê. Amanhã cedo vou investigar melhor o local. Está trancado agora, e entrar sem mais informações seria arriscado.

Osmar esfregou o rosto, nervoso.

— Isso está ficando mais complicado do que eu esperava, detetive.

Bernardo riu.

— Complicado é o meu sobrenome, chef.



Enquanto se preparava para ir embora, Bernardo teve a sensação de estar sendo observado novamente. Saiu à rua e, lá estava ele: o mesmo urubu, pousado em um poste, encarando-o com seus olhos atentos.

O detetive parou, cruzou os braços e olhou para o pássaro.

— Então, meu amigo... você vai me dizer o que sabe ou vai continuar apenas me seguindo?

O urubu não respondeu, obviamente, mas abriu as asas e voou, desaparecendo no céu noturno. Bernardo sacudiu a cabeça, tentando afastar a sensação de que havia mais naquela ave do que parecia.

Enquanto voltava para casa, o mistério do pato desaparecido continuava a girar em sua mente. Alguma coisa estava muito errada, e ele sabia que as respostas estavam mais próximas do que imaginava.

## 5

# No Coração do Comércio Sombrio

Na manhã seguinte, Bernardo Lisboa caminhava em direção ao galpão que havia encontrado na noite anterior. O ar estava úmido, e o cheiro de chuva recente impregnava as ruas de Belém. Ele não sabia exatamente o que esperava encontrar, mas tinha certeza de que estava se aproximando da verdade.

Assim que chegou, percebeu que a tranca do portão havia sido substituída. Isso só aumentava suas suspeitas. Ele observou o local à distância, enquanto moradores começavam a movimentar as ruas. Então, algo chamou sua atenção: um homem de chapéu largo e camisa desgastada entrou no galpão com uma sacola volumosa.

Bernardo decidiu que precisava agir rápido. Deu a volta e encontrou um acesso discreto por uma janela lateral que estava entreaberta. Com movimentos ágeis, conseguiu se esgueirar para dentro sem ser notado.

### Dentro do Galpão

O interior era mais revelador do que Bernardo esperava. Havia uma série de gaiolas vazias, mas algumas ainda abrigavam animais exóticos: pássaros coloridos, iguanas e até um pequeno jacaré. O detetive reconheceu imediatamente que havia tropeçado em algo maior.

No centro do galpão, a grande gaiola que vira na noite anterior continuava vazia, mas agora estava limpa — sem penas ou vestígios de comida. Bernardo acendeu discretamente sua lanterna e focou nos cantos escuros do espaço. Sobre uma mesa, viu papéis que pareciam registros de venda. Pegou um deles e leu rapidamente:

“Animal: Pato-branco do Pará. Comprador: Anônimo. Data: 18 de outubro.”

— Então é isso... Estão traficando animais aqui — murmurou.

Enquanto examinava os papéis, ouviu vozes vindas do fundo do galpão. Ele rapidamente se escondeu atrás de um empilhado de caixas. Dois homens entraram na sala, conversando em tons baixos.

— O próximo lote já está pronto para transporte? — perguntou um deles.

— Está quase. Só precisamos de mais algumas aves. O cliente de ontem queria algo diferente, mas não sei se conseguimos.

Bernardo franziu o cenho. O cliente queria “algo diferente”? Isso parecia suspeito. Ele permaneceu em silêncio, esperando os homens saírem. Assim que o fizeram, ele aproveitou a chance para sair do galpão sem ser notado.

O Mercado Sombrio

Bernardo sabia que havia um mercado paralelo de animais exóticos operando nas proximidades do Ver-o-Peso. Decidiu investigar o local. Com os papéis que encontrara no galpão em mãos, ele se dirigiu ao mercado mais movimentado de Belém. Lá, entre os cheiros e sons de peixe fresco, frutas regionais e ervas medicinais, ele encontrou uma área menos óbvia, onde vendedores lidavam com produtos mais ilícitos.

Entre redes penduradas e caixas improvisadas, havia barracas que vendiam papagaios, macacos e outros animais da fauna amazônica. Bernardo passou entre elas, observando com atenção, até encontrar um vendedor que parecia nervoso ao vê-lo.

— Bom dia, amigo. Estou procurando por algo específico — disse Bernardo, casualmente.

— Específico? Aqui só vendemos bichos comuns, nada demais. — O homem desviou o olhar.

Bernardo puxou os papéis que havia encontrado no galpão.

— E um pato branco? Alguma notícia sobre isso?

O homem congelou por um momento, depois se recompôs.

— Não sei do que você está falando.

— Não sabe? Então talvez a polícia se interesse em saber o que você está vendendo aqui — retrucou Bernardo, olhando diretamente nos olhos dele.

O vendedor olhou ao redor, garantindo que ninguém ouvia, e sussurrou:

— Tudo bem, mas não fui eu. Ouvi falar de um pato raro que apareceu no mercado. Foi vendido ontem mesmo, mas quem comprou foi alguém de fora, um gringo. Ele pagou uma fortuna.

— Gringo? E onde eu encontro esse comprador?

— Eu não sei. Só vi que ele foi embora de barco. Ele parecia mais interessado em como o pato se movia do que em comê-lo. Achei estranho.

Bernardo estreitou os olhos. Isso confirmava que o pato estava sendo tratado como algo especial, mas ainda não explicava por que. Ele agradeceu ao vendedor e saiu, com a mente fervilhando.

Mais uma Vez, o Urubu

Enquanto Bernardo caminhava pelas ruas do mercado, sentiu aquela presença novamente. Olhou para cima e viu o mesmo urubu, empoleirado em uma torre próxima, o observando com o mesmo olhar atento.

— Você de novo... O que está tentando me dizer? — murmurou.

O urubu abriu as asas e voou na direção do rio, como se o estivesse guiando. Bernardo hesitou, mas seguiu o caminho indicado pelo pássaro. Sabia que estava próximo de desvendar algo, mesmo que não pudesse explicar como.

As peças começavam a se encaixar, mas a pergunta principal permanecia: por que aquele pato era tão valioso, e quem estava realmente por trás de seu desaparecimento?



## 6

# Rumos Entre Ilhas

Bernardo Lisboa sabia que a investigação estava tomando rumos inesperados. A revelação de que o pato branco havia sido comprado por um estrangeiro deixou o caso ainda mais intrigante. Mas uma coisa era certa: se o tal gringo realmente adquirira o pato, ele não teria conseguido tirá-lo do país tão facilmente. A burocracia de fronteira e o controle sobre espécies exóticas protegidas tornavam impossível transportar algo assim por meios comuns.

De volta ao Estrela da Amazônia, Bernardo encontrou o chef Osmar com um semblante ansioso, cortando cheiro verde com movimentos nervosos.

— E então, Bernardo? Descobriu alguma coisa?

O detetive suspirou e puxou uma cadeira.

— Descobri. O pato foi vendido ontem para um estrangeiro. Um gringo. Mas ele não foi muito longe. Aposto que está escondido em uma das ilhas próximas.

Osmar parou de cortar e fitou Bernardo, incrédulo.

— Ilhas? Mas o que ele faria lá?

— Provavelmente está esperando o momento certo para sair da cidade com o pato. É mais fácil contrabandear algo assim por vias fluviais. E tem outro detalhe: o comprador parecia interessado no comportamento do pato, não em comê-lo. Isso me faz pensar que o bicho é mais especial do que imaginávamos.

Osmar afundou na cadeira, passando a mão pela testa.

— O Círio é daqui a três dias, Bernardo! Se você não trouxer esse pato, meu banquete vai virar uma piada.

Bernardo cruzou os braços.

— Não vou mentir, chef. Localizar alguém em meio às ilhas ao redor de Belém não é fácil. Mas tenho uma pista sobre um barco chamado Rosa dos Ventos. É um começo.

Osmar olhou para ele com esperança renovada.

— Então o que você está esperando?

— A manhã. Navegar por esses rios à noite seria suicídio. Mas não se preocupe. Amanhã estarei atrás dele.

No Porto, Mais Respostas

Bernardo foi ao porto no início da manhã seguinte. O lugar já estava movimentado, com barqueiros carregando cestos de frutas, pescadores descarregando e vendedores anunciando seus produtos. Era o caos típico do coração da cidade.

Ele encontrou Seu Ambrósio, um ribeirinho conhecido por sua memória afiada. Depois de uma conversa regada a simpatia e uma nota de vinte reais, o homem revelou informações cruciais.

— O gringo? Sim, lembro dele. Saiu ontem num barco chamado Rosa dos Ventos. Tinha um pano grande com ele.

— Para onde ele foi?

— Foi no rumo das ilhas, mas não sei qual... difícil dizer. Tem muitas. A mais provável seria a Ilha Jararaca. Os limpeza se abicoram pra lá. Bernardo franziu o cenho.

— Que limpeza?

— Traficante, pescador ilegal, esse povo. Se ele tá com algo valioso, deve ter ido pra lá.

Más Notícias Para Osmar

Antes de partir para a Ilha Jararaca, Bernardo voltou ao restaurante para atualizar Osmar. O chef estava arrumando pratos na cozinha, mas parou imediatamente ao ver o detetive entrar.

— Alguma novidade? — perguntou ele, ansioso.

— Tenho uma pista sólida. Parece que o gringo está escondido em uma das ilhas próximas. A mais provável é a Ilha Jararaca. Vou pegar um barco e ir até lá hoje mesmo.

Osmar segurou a pia, tenso.

— Isso não me soa nada bom. Você acha que vai conseguir trazer o pato de volta antes do Círio?

Bernardo deu um sorriso cansado.

— Vou fazer o possível, chef. Mas preciso que você entenda: não vai ser fácil. Esse gringo sabe o que está fazendo.

Osmar respirou fundo e assentiu.

— Faça o que for necessário. Só... traga ele de volta.

A Sombra do Urubu

Enquanto Bernardo se dirigia ao barco que havia alugado para a viagem, notou o urubu novamente. Ele estava empoleirado no mastro de uma embarcação próxima, encarando-o.

— Tu de novo? — murmurou.

O pássaro inclinou a cabeça, como se entendesse o comentário, e abriu as asas, voando na direção das ilhas. Bernardo o observou desaparecer no céu e deu um leve sorriso.

— Espero que tu saibas de algo que eu não sei, amigo.

Com o motor do barco roncando, Bernardo se lançou nas águas barrentas do rio rumo à Ilha Jararaca. O cenário das ilhas ao longe se tornava mais claro, mas ele sabia que, quanto mais avançasse, mais difícil seria navegar tanto as águas quanto as intenções do misterioso gringo.

# 7

## O Pato e a Alternativa

O sol ainda estava baixo no horizonte quando Bernardo chegou à Ilha Jararaca. O barco que ele alugara cortava as águas do rio com uma calma inquietante, como se as águas fossem uma pista de um mistério prestes a ser desvendado. O vento trazia o cheiro forte da vegetação densa que cercava a ilha. Ao longe, ele avistou a cabana de madeira onde o gringo se escondia. Estava em um local afastado da vila, cercado por uma mata espessa, perfeita para quem quisesse passar despercebido.

Bernardo desceu do barco, com passos silenciosos, como se o próprio rio quisesse que ele passasse despercebido. Sabia que a chave para resolver o caso estava ali, naquela casa simples, onde o gringo provavelmente guardava o pato que roubara de Belém. Ele se escondeu entre as árvores, movendo-se com cautela até conseguir uma visão clara da cabana. A porta estava entreaberta, e a sombra de um homem alto, com um chapéu de abas largas, podia ser vista através da fresta.

Mas onde estava o pato? Bernardo olhou ao redor, os olhos rápidos tentando captar qualquer movimento. Não demorou muito até avistar a gaiola em um canto da varanda. O pato branco estava ali, imobilizado, mas alerta. Ele observava os arredores com atenção, como se soubesse que algo estava prestes a acontecer. A ave, talvez devido ao cansaço ou ao medo, estava quieta, mas ainda respirando rapidamente, os olhos muito vivos.

Bernardo então fez o que sabia fazer de melhor: agir sem ser visto. Ele se esgueirou pela mata, movendo-se como uma sombra, até que alcançou a gaiola. Com mãos firmes, abriu a porta da gaiola com um movimento rápido e pegou o pato. O animal, assustado, se mexeu um pouco, mas Bernardo o segurou com firmeza, sem fazer barulho.



Ele voltou para a mata, onde seu barco o esperava. De volta à embarcação, Bernardo colocou o pato na caixa e começou a viagem de volta, com o coração batendo forte, mas com a confiança de que estava levando a peça central do mistério de volta para Belém.

#### De Volta ao Restaurante

O barco chegou ao porto de Belém quando a cidade começava a despertar. Bernardo, cansado mas determinado, carregou o pato até o Estrela da Amazônia. Osmar estava na cozinha, organizando os ingredientes para o banquete de Círio, quando viu o detetive entrar.

— Você conseguiu? — perguntou Osmar, com os olhos brilhando de esperança.

Bernardo colocou o pato sobre a mesa com um sorriso cansado.

— Aqui está. Trouxe ele de volta, como prometi.

Osmar se aproximou com pressa e observou o animal. Mas logo seu sorriso desapareceu, dando lugar a uma expressão confusa. Ele pegou o pato, virou-o de um lado para o outro, tocou suas penas e olhou mais de perto.

— Bernardo... esse não é o meu pato.

Bernardo ficou sem palavras por um momento, sentindo o estômago virar.

— Como assim? Este não é o pato que você perdeu?

Osmar, ainda sem acreditar no que via, balançou a cabeça lentamente.

— Não. Esse... esse pato é diferente. O meu pato era mais tranquilo, mais acostumado com a presença humana. Esse... parece mais selvagem, mais nervoso.

Bernardo se aproximou para observar com mais atenção. O pato, de fato, tinha uma expressão diferente. Seus olhos, embora brilhantes, pareciam mais alertas, e ele não estava tão calmo como o animal que o chef descrevera.

— O que isso significa? — perguntou Bernardo, começando a perceber a gravidade da situação.

Osmar suspirou, claramente desconcertado.

— Isso significa que eu não sei mais o que pensar, Bernardo. Eu só queria o meu pato de volta. E esse aqui... não é o meu.

Bernardo ponderou por um momento, antes de dar uma sugestão.

— Bem, caso eu não consiga encontrar o pato original, esse aqui pode ser o que temos. Você pode usá-lo para o banquete de Círio. Não será o mesmo, mas pode funcionar.

Osmar parecia relutante, mas uma ideia lhe ocorreu.

— Talvez, se eu preparar de uma forma especial... Mas será que esse pato será aceito pelos convidados? O Círio não é apenas sobre comida, é sobre tradição. E esse animal não parece nem de longe o que eu tinha planejado.

Bernardo sentou-se à mesa, agora também preocupado.

— Eu entendo. Mas o importante é que você tem algo para oferecer, chef. Eu vou continuar procurando o pato verdadeiro, mas, por ora, talvez seja melhor usarmos esse, mesmo que seja uma solução provisória.

Osmar olhou para o pato com um misto de dúvida e aceitação.

— Acho que não tenho escolha. Se você não encontrar o outro a tempo, esse terá que ser o banquete. Vamos dar um jeito. Eu só não sei... o que está acontecendo com esse pato.

Bernardo, já se afastando, olhou para o chef e disse:

— Vou descobrir, chef. Isso ainda não acabou.

Enquanto Bernardo saía do restaurante, com um novo plano em mente, ele sentiu uma sensação estranha. Algo estava errado, e o fato de o pato estar tão agitado, tão diferente, só tornava a situação mais complexa. Ele sabia que a verdadeira história por trás do desaparecimento da ave ainda estava por vir — e que a solução envolvia mais do que simples coincidências. O gringo e as ilhas estavam apenas no começo da trama, e Bernardo estava mais determinado do que nunca a descobrir a verdade.

## 8

# A Verdade Sob a Tinta

A chuva havia começado com força total, como se Belém quisesse lavar toda a tensão acumulada nos últimos dias. O som das gotas batendo nas telhas do restaurante Estrela da Amazônia parecia se misturar ao ritmo acelerado dos pensamentos de Bernardo Lisboa. Ele estava no fundo da cozinha, tentando entender como a história do pato se desenrolava, quando percebeu que a peça final do quebra-cabeça ainda faltava. Ele havia resolvido grande parte do mistério, mas uma sensação de inquietação o acompanhava.

Osmar estava lá também, com as mãos no avental, olhando a tempestade pela janela, como se esperasse uma revelação divina.

— E agora, Bernardo? O que vamos fazer com isso? — perguntou o chef, a voz carregada de cansaço e frustração.

Bernardo sabia que a situação estava longe de ser resolvida. O pato, que ele havia recuperado da ilha e que, surpreendentemente, parecia estar sempre um passo à frente, ainda era o centro da questão. Ele sabia que o animal não era só uma ave simples; algo maior estava acontecendo ali.

— A resposta está bem diante de nós, Osmar — disse Bernardo, enquanto observava a chuva deslizar pelas janelas, como se o mundo ao redor estivesse prestes a se revelar.

Foi quando ele decidiu dar mais uma olhada na rua. A água estava subindo, e ele avistou, como sempre, o urubu empoleirado no telhado de uma casa próxima. O mesmo urubu que havia sido visto várias vezes ao redor do restaurante, sempre parecendo estar de olho nas coisas, como se soubesse algo mais. A ave estava imóvel, os olhos fixos no detetive. Mas algo estava diferente.



Bernardo indicou com um gesto discreto para Osmar, que o seguiu até a janela.

— Olha lá, chef. Aquele urubu de novo. Não é o mesmo?

Osmar olhou e balançou a cabeça.

— Sim, é o mesmo. Mas... o que ele está fazendo ali? Por que sempre aparece quando estamos tentando resolver esse mistério?

Bernardo observou a ave com mais atenção. Não era só o fato de ele aparecer com frequência; algo mais estava em jogo. Foi então que uma forte rajada de vento fez a chuva descer com mais intensidade, e a água escorreu, revelando, aos poucos, o que estava escondido sob a tinta preta que cobria a ave. O urubu, agora sem a camada de tinta, não era mais um urubu. Ele era o pato. O pato que havia desaparecido. A camada de tinta preta estava se desfazendo com a chuva, e os traços de penas brancas começaram a aparecer.

Bernardo sentiu um arrepio ao perceber o que estava acontecendo. O pato, que ele acreditava ter sido levado, agora estava diante dele, mas disfarçado. Não era um urubu, era o mesmo pato, com as penas encobertas por tinta preta, como se tivesse se pintado para se esconder, para observar tudo sem ser notado. Como um estrategista, como se tivesse um plano.

Osmar olhou para a ave e então para Bernardo, os olhos arregalados de incredulidade.

— Mas... mas como isso é possível? Como o pato... como ele fez isso?

Bernardo, sem desviar os olhos do animal, respondeu com a tranquilidade de quem finalmente compreende o que se passa.

— O pato se pintou. Ele fez isso para nos observar, para se esconder. Ele sabia que estávamos à procura dele, e, no fim, ele estava apenas nos seguindo.

A ave encarava Bernardo agora com um olhar intenso, como se soubesse que a revelação estava prestes a acontecer. Seus olhos brilhavam com uma calma inquietante, como se estivesse calculando o momento exato de se revelar.

E foi nesse momento que o detetive entendeu. O urubu, ou melhor, o pato disfarçado de urubu, parecia ter mais controle sobre a situação do que qualquer um poderia prever. Ele estava lá, observando, calculando cada movimento, como se dissesse: só te olho...

# Agradecimento

Este é um conteúdo gerado por Inteligência Artificial, com revisão e diagramação humana, como exercício do curso CRIANDO UM EBOOK COM CHATGPT E MIDJOURNEY incluso no bootcamp CAIXA – IA GENERATIVA COM MICROSOFT COPIULOT da Plataforma DIO.

Este material foge à proposta inicial de criar um conteúdo sobre TI, contudo espero que a leitura tenha sido satisfatória.

## AUTOR

Cleber Lamartine dos Santos

[cleber-lamartine/prompts-recipe-to-create-a-ebook: A recipes with IA tools to create a ebook \(github.com\)](https://github.com/cleber-lamartine/prompts-recipe-to-create-a-ebook)